



“África pelos africanos para africanos”: o pensamento crítico nas obras de Chimamanda Ngozi Adichie e suas contribuições para perspectivas internacionais

*“Africa by Africans for Africans”:
critical thinking in the works of Chimamanda Ngozi Adichie and her contributions to
international perspectives*

*“África de africanos para africanos”:
pensamiento crítico en las obras de Chimamanda Ngozi Adichie y sus aportes a las
perspectivas internacionales*

Camila Santos Andrade¹
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Ana Carolina Lopes Pinto²
Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP)

RESUMO

Chimamanda Ngozi Adichie é uma grande referência na literatura africana e contemporânea, ganhando espaço nos mercados editoriais, seja no Brasil como internacionalmente. Em suas obras, a escritora não se afasta da realidade vivida pelos seus personagens, mas instrumentaliza estes para trazer situações do cotidiano em voga, acolhendo os sentimentos de quem passou por essas situações a partir do encontro com a leitura. Com base no seu posicionamento literário e atuação como ativista em temáticas interseccionais, como gênero, raça e nacionalidade, o presente artigo visa analisar como Chimamanda aborda temáticas sociais dentro de suas obras, considerando a perspectiva africana no desenvolvimento dos seus trabalhos. Parte-se da área de Relações Internacionais para analisar os trabalhos e o posicionamento crítico de Chimamanda, especialmente a considerando como uma agente da sua própria história: a história do continente africano. Para isso, será utilizado o método qualitativo para buscar referências sobre a vida da autora, perspectivas africanas e a análise sobre suas obras. Como estrutura do presente trabalho, além da introdução e considerações finais, há três seções: a primeira seção busca apresentar o contexto histórico e teórico sobre a África, entendendo o papel do(a) africano(a) como agente da sua própria história; a segunda seção busca apresentar os pontos importantes da vida da autora, os conectando com conceitos trazidos na seção anterior e com a área de Relações Internacionais; e, por último, na terceira seção busca-se analisar duas obras da autora (*Hibisco Roxo* e *No seu pescoço*) a partir do seu posicionamento sobre temas sociais, especialmente relacionando com as Relações Internacionais. O presente trabalho torna-se relevante por trazer perspectivas da literatura africana que enriquecem o arcabouço teórico e novas formas de compreensão da realidade no âmbito das Relações Internacionais.

Palavras-chave: Chimamanda Ngozi Adichie; Perspectiva africana; Relações Internacionais; Hibisco Roxo; No seu pescoço.

¹Doutora em Ciência Política pela UFRGS, com Doutorado Sanduíche na Universidad Nacional de Rosario (UNR). Mestre em Relações Internacionais pela UFSC, com pesquisa de campo em Ruanda. Especialista em Projetos pelo Senac-SC e Analista de Relações Internacionais pela UNIJORGE. Vinculada ao grupo de pesquisa interinstitucional Áfricas e criadora do @camilaafrika, comunidade de Estudos Africanos. <https://orcid.org/0000-0003-3622-7584>. Endereço eletrônico: camila.andrade@gmail.com.

²Graduanda em Relações Internacionais e Monitora do Laboratório de Análise de Conjuntura: Observatório do Continente Africano pelo Centro Acadêmico Armando Álvares Penteado (FAAP). <https://orcid.org/0000-0001-5871-9542>. Endereço eletrônico: carolopes1504@gmail.com.



ABSTRACT

Chimamanda Ngozi Adichie is a great reference in African and contemporary literature, gaining space in publishing markets, both in Brazil and internationally. In her works, the writer does not distance herself from the reality experienced by her characters, but uses them to bring everyday situations into vogue, welcoming the feelings of those who have gone through these situations from the encounter with reading. Based on her literary positioning and acting as an activist in intersectional themes, such as gender, race and nationality, this article aims to analyze how Chimamanda addresses social themes within her works, considering her African perspective in the development of her pieces. This starts from the International Relations area to analyze Chimamanda's work and critical position, especially considering her as an agent of her own history: the history of the African continent. For this, the qualitative method will be used to seek references about the author's life, African perspectives and the analysis of her works. As of this work's structure, in addition to the introduction and final considerations, there are three sections: the first section seeks to present the historical and theoretical context about Africa, understanding the role of the African as an agent of his own history; the second section seeks to present the important points of the author's life, connecting with concepts brought in the previous section and with the area of International Relations; and, finally, the third section seeks to analyze two works by the author (*Purple Hibiscus* and *The Thing Around Your Neck*) from her position on social issues, especially connecting them to International Relations. This article becomes relevant for bringing perspectives from African literature that enrich the theoretical framework and new ways of understanding reality in the context of International Relations.

Keywords: Chimamanda Ngozi Adichie; African Perspective; International Relations; Purple Hibiscus; The Thing Around Your Neck.

RESUMEN

Chimamanda Ngozi Adichie es una gran referencia en la literatura africana y contemporánea, ganando espacio en los mercados editoriales, tanto en Brasil como internacionalmente. En sus obras, la escritora no se distancia de la realidad vivida por sus personajes, sino que los utiliza para poner en boga situaciones cotidianas, acogiendo los sentimientos de quienes han pasado por esas situaciones desde el encuentro con la lectura. A partir de su posicionamiento literario y su actuación como activista en temas interseccionales, como el género, la raza y la nacionalidad, este artículo tiene como objetivo analizar cómo Chimamanda aborda temas sociales dentro de sus obras, considerando su perspectiva africana en el desarrollo de sus obras. Se parte del área de Relaciones Internacionales para analizar la obra y posición crítica de Chimamanda, especialmente considerándola como agente de su propia historia: la historia del continente africano. Para ello se utilizará el método cualitativo buscando referencias sobre la vida de la autora, las perspectivas africanas y el análisis de sus obras. Como estructura de este trabajo, además de la introducción y las consideraciones finales, existen tres secciones: la primera sección busca presentar el contexto histórico y teórico sobre África, entendiendo el papel del africano como agente de su propia historia; la segunda sección busca presentar los puntos importantes de la vida del autor, conectando con conceptos traídos en la sección anterior y con el área de Relaciones Internacionales; y, por último, el tercer apartado busca analizar dos obras de la autora (*Hibisco Morado* y *Algo Alrededor de Tu Cuello*) desde su posicionamiento frente a las cuestiones sociales, vinculándolas especialmente con las Relaciones Internacionales. El presente trabajo cobra relevancia por traer perspectivas de la literatura africana que enriquecen el marco teórico y nuevas formas de entender la realidad en el contexto de las Relaciones Internacionales.

Palabras clave: Chimamanda Ngozi Adichie; Perspectiva Africana; Relaciones Internacionales; Hibisco Morado; Algo Alrededor de Tu Cuello.



Introdução

Qual é a primeira conexão que vem à mente quando se escuta a palavra “África”? A população, em sua maioria, vai relacionar a palavras que são estereótipos, como conflito, pobreza, fome e doença. Em consonância a isso, Kilomba (2019, p. 49) apresenta mais perguntas para ilustrar o tamanho desconhecimento de alunos em relação ao continente africano, desde ao número de países que o compõe, como: “O que foi a Conferência de Berlim em 1884-85? Quais países africanos foram colonizados pela Alemanha? Quantos anos durou a colonização alemã no continente africano?”.

Por que é relevante fazer todas essas perguntas? Segundo Kilomba (2019), precisamos fazer as perguntas certas para ter as respostas corretas. Considerando um ambiente acadêmico, no qual há uma hierarquia de quem pode falar e, mais ainda, quais agendas de pesquisa são prioritárias na busca de financiamento, o continente africano tende a ser relegado à marginalidade. Prova disso é o exercício de ir a bibliotecas universitárias brasileiras para buscar livros sobre este continente. Encontram-se poucos livros específicos sobre os países africanos, além de alguns, dentro da área de Relações Internacionais, serem associados à temática de guerra, segurança e defesa, o que dificulta ter acesso à complexidade e profundidade em relação à história da África.

Partindo dessa premissa, perceber a expansão do mercado editorial brasileiro de autores negros e autoras negras é de suma importância, uma vez que aproxima cada vez mais a população brasileira da história e narrativas de autores e autoras brasileiras, como também provenientes do continente africano. Nesse contexto, a escritora e ativista nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie é um exemplo na literatura africana e contemporânea, traduzindo situações reais em sua escrita, que possibilitam a identificação do(a) leitor(a) ao longo de suas obras. Em seus escritos, a autora não se afasta da realidade vivida pelos seus personagens, instrumentalizando-os para trazer situações do cotidiano em voga.

Autora de romances traduzidos em mais de trinta línguas, com publicações em português pela Companhia das Letras, Chimamanda possui uma obra vencedora do Orange Prize e adaptada ao cinema em 2013, *Meio Sol Amarelo* (COMPANHIA DAS LETRAS, 2022). Além disso, ficou conhecida internacionalmente por suas conferências no TED,

retratando como as histórias são contadas por apenas um lado, a do vencedor; e como é importante chamar a atenção em relação à problemas sociais que, por vezes, são invisibilizados.

Com base no seu posicionamento literário e atuação como ativista em temáticas interseccionais, como gênero, raça e nacionalidade, o presente artigo visa analisar como Chimamanda aborda questões sociais dentro de suas obras, considerando sua perspectiva africana no desenvolvimento dos seus trabalhos. Para a análise das obras, foram escolhidos dois livros principais, *Hibisco Roxo* e *No seu pescoço*, tecendo reflexões sobre o posicionamento crítico da autora a partir da área das Relações Internacionais. Para isso, foi utilizado o método qualitativo para buscar referências sobre a vida da autora e conectar com perspectivas africanas, especialmente considerando a nigeriana como uma agente da sua própria história: a história do continente africano.

Como estrutura do presente trabalho, além da introdução e considerações finais, há três seções: a primeira seção busca apresentar o contexto histórico e teórico sobre a África, entendendo o papel do(a) africano(a) como agente da sua própria história; a segunda seção busca apresentar os pontos importantes da vida da autora, os conectando com conceitos trazidos na seção anterior e com a área de Relações Internacionais; e, por último, na terceira seção busca-se analisar as obras *Hibisco Roxo* e *No seu pescoço* a partir do posicionamento da autora sobre temas sociais, especialmente associando às Relações Internacionais.

Parte-se da premissa de que é importante desenvolver o uso de novas ferramentas e materiais na área de Relações Internacionais, o que inclui filmes, livros literários, poesias, dentre outros. Essas referências, para além de livros acadêmicos, contribuem para a construção de uma capacidade crítica que ultrapassa os cânones do cientificismo europeu de “como fazer ciência”. Trazer perspectivas da literatura africana enriquece o arcabouço teórico e possibilita novas formas de compreensão da realidade, iniciativa proposta no presente trabalho.



1. “A África pelos africanos e para africanos”: pensamento pós-colonial e Chimamanda na conjuntura contemporânea

Um dos pesquisadores fervorosos em relação a sua própria história, Ki-Zerbo (2006) se posicionou na academia de forma ativa e crítica, buscando desmistificar a ideia de que a África não tinha uma história antes da chegada dos colonizadores. Em consonância com este autor, uma das autoras do presente artigo deparou-se com a lacuna de produção acadêmica sobre Estudos Africanos na área de Relações Internacionais, justificando o desenvolvimento da sua tese a partir da sua motivação pessoal:

por me ver refletida no trabalho, seja pela temática, seja pelo arcabouço teórico. [...] houve a aproximação dos estudos africanos para o retorno às raízes, além do desejo de entender mais sobre a história dos antepassados, ceifada consideravelmente pelo processo de escravização e colonização (ANDRADE, 2021, p. 25).

A partir disso, é relevante conectar Chimamanda a um contexto de pensar no(a) africano(a) e na população da diáspora africana como agente da sua própria história, concebendo a premissa proposta no título do presente artigo: uma África pelos africanos para africanos. Quando é pensado em uma África pelos africanos associa-se a concepção de que estes podem por eles mesmos analisar a situação do continente, em busca de soluções que residam em suas próprias realidades. Além disso, direcionar o continente para os africanos é para justamente ressaltar o pertencimento destes ao território, à cultura, a traços em comum.

Nesse espectro, pode-se considerar também o encontro das vozes da coletividade, da prática do conceito da Filosofia Ubuntu, sendo a ética dos povos africanos a partir dos ideais de solidariedade e compartilhamento de experiências, uma cultura a procura da harmonia e manutenção de uma comunidade unida — na descrição da existência do ser humano a partir da percepção de eu sou porque nós somos (BORGES; DIALLO, 2020).

Essa percepção posiciona os africanos como protagonistas de uma história que não se inicia com a chegada dos europeus no continente. A partir do protagonismo, é possível fazer com que não haja apenas uma única história, uma única narrativa contada pelos antigos colonizadores. Kilomba (2019), ao apresentar o retrato da escravizada Anastácia em seu livro

Memórias da Plantação, conecta a imagem de Anastácia com a ideia do silenciamento dos considerados “outros”, o que pode ser relacionado com o silenciamento da população negra.

Quero falar sobre a máscara do silenciamento. [...] a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/os “Outras/os”: Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar? (KILOMBA, 2019, p. 33, aspas da autora).

A questão do falar não está associada ao ato do indivíduo emitir sua voz, mas de não ter o espaço para fazer isso, fato relacionado à estrutura repressiva pautada no colonialismo e racismo (KILOMBA, 2019). As perguntas colocadas logo no início da introdução são justamente para ilustrar como o conhecimento e o fazer ciência estão conectados “ao poder e à autoridade racial”, em que reconhece que a academia não é um espaço neutro: “É um espaço branco onde o privilégio de fala tem sido negado para as pessoas negras” (KILOMBA, 2019, p. 50). Nesse mesmo sentido, Marimba Ani (2017) apresenta a forma africana de fazer ciência, que considera que existe uma alma no desenvolvimento da pesquisa; ou seja, não há uma anulação do emocional e predominância do racional como a ciência europeia prega. Além disso, termos como observado e o observador, o sujeito e o objeto são ressaltados pela autora, que coloca o africano em uma condição de controlado, de agente passivo (ANI, 2017).

A partir dessas reflexões, “o que encontramos na academia não é uma verdade objetiva científica, mas sim o resultado de relações desiguais de poder de “raça” (KILOMBA, 2019, p. 53). Além disso, Césaire (1978, p. 65) desconstrói, de forma irônica, a ideia de que “[...] o Ocidente inventou a ciência. Que somente o Ocidente sabe pensar; que nos limites do mundo ocidental começa o tenebroso reino do pensamento primitivo”.

Uma perspectiva do desconhecimento de outras formas de fazer conhecimento é também ofuscada pela ideia de universalidades, ou seja, de tornar o que pode ser particular – como saberes locais, ancestrais, etc – a uma homogeneização do que é categorizado como correto, proveniente, geralmente do Norte desenvolvido.

Pode-se ressaltar também o desconhecimento da população brasileira em relação a suas raízes africanas, que compõem a identidade nacional bem como a indígena e a europeia. Para sanar a lacuna educacional, a Lei 10.639 foi criada em 2003, visando o ensino da cultura



africana e afrobrasileira; apesar de quase 20 anos desse processo, ainda existe uma lacuna em relação à produção na área de estudos africanos, gerando um desconhecimento por parte dos educadores – os quais muitas vezes não têm o apoio necessário para eventuais reciclagens de conteúdo na área –, bem como dos alunos.

Posto isso, torna-se fundamental não apenas uma educação pautada em bases teóricas pós-coloniais e decoloniais, como também a aproximação da população em geral de obras de escritores(as) africanos(as), de forma a compreender e possibilitar novas visões de mundo, além de conectar a diáspora africana e africanos(as) a partir de histórias compartilhadas, fruto de um continente berço da humanidade.

2. Erguer a voz: quem é Chimamanda Ngozi Adichie?

Chimamanda Ngozi Adichie nasceu em Enugu, na Nigéria, em 1977. A quinta filha entre seis irmãos, a autora é descendente de uma família de origem Igbo, da cidade de Abba. Cresceu na cidade de Nsukka, dentro do campus da Universidade da Nigéria, onde seu pai trabalhava como professor e posteriormente como vice-chanceler adjunto da instituição; e sua mãe, graduada em Sociologia, era administradora na mesma universidade (ADICHIE, 2021).

Sua jornada acadêmica se iniciou em um ano de graduação na faculdade de farmácia e medicina de Nsukka, aos 19 anos. Mas, seguindo suas influências literárias de juventude, como Chinua Achebe (MARCELO, 2018), Chimamanda decidiu se mudar para os Estados Unidos em 2001, para se graduar no curso de licenciatura em Comunicação e Ciência Política na Eastern Connecticut State University, dando os primeiros passos para sua trajetória de estudos sobre africanidade. E então começou a escrever o romance *Hibisco Roxo*, em 2003 (UFRGS, sem ano).

A autora participou de programas de mestrado na Johns Hopkins University, com foco em Escrita Criativa, e na Yale University, com o mestrado de artes em História Africana. Foi premiada com a bolsa de estudos Hodder na Princeton University (2005-2006), a Bolsa MacArthur pela Fundação John D. e Catherine T. (2008) e no Instituto Radcliffe na Harvard University (2011-2012). Também recebeu diplomas de doutorado em outras universidades renomadas, nos Estados Unidos e na Europa (ADICHIE, 2021).

As obras de Chimamanda atualmente são traduzidas para mais de trinta idiomas. Seu primeiro romance, *Hibisco Roxo*, foi nomeado e ganhou o prêmio da Commonwealth Writer's Prize. Seu segundo livro, *Meio Sol Amarelo*, venceu o Prêmio Internacional de Contos de David T. Wong, o Orange Broadband Prize, e também foi pré-selecionado para o Commonwealth Writer's Prize de Melhor Livro da região africana. *Americanah* foi nomeado pelo conceituado jornal The New York Times entre os Top 10 Melhores Livros de 2013, além de ganhar o Prêmio Nacional do Círculo de Críticos do Livro dos Estados Unidos (UFRGS, sem ano).

Como supracitado, a autora ministrou duas palestras relevantes no Ted Talks: em 2009, a conferência intitulada de “O perigo de uma história única” retratava os estereótipos dos imigrantes nos Estados Unidos, além da hegemonia da perspectiva ocidental sobre África; já em 2012, como forma de denúncia das desigualdades de gênero, proferiu a palestra “Sejamos todos feministas”, compartilhando sua vivência como mulher africana feminista, que logo se transformou em livro perante tamanha popularidade.

Em 2015, Chimamanda foi nomeada pela TIME Magazine's como uma das cem pessoas mais influentes do mundo (BBC NEWS, 2015); em 2017, a revista Fortune a nomeou como uma entre os cinquenta melhores líderes do mundo (AGENCY REPORT, 2017). Sendo membro da Academia Americana de Artes e Letras e da Academia Americana de Artes e Ciências, a autora representa uma das vozes mais influentes no mundo literário africano na atualidade.

No entanto, a fama, conquistada a partir de renomados prêmios e publicação de obras ilustres, não cria uma barreira entre o artista e o mundo real. A fama não previne ataques, nem mesmo decepções e depressões. Ser famoso inclui ser exposto a má interpretação (proposital ou não), arrogância, oportunismo e julgamento do público. Por estes e outros motivos que Chimamanda se permitiu afastar das redes sociais, mais especificamente o Twitter.

A autora afirmou em algumas entrevistas, como no Roda Viva da TV Cultura em 2021, que as redes sociais prejudicam seu processo de criatividade, além de também reduzirem seu trabalho: “Como eu falo muito sobre feminismo, eu me tornei apenas uma feminista para muitas pessoas, e elas esperam que eu tome posições que se alinhem com o que



elas acham que é feminismo”, explicou (TV CULTURA, 2021, sem página). Chimamanda prefere construir seus pensamentos de forma independente, distante do fator alienante das redes.

Entretanto, não foi somente por seu bem intelectual que Chimamanda se viu perante a necessidade de se retirar da virtualidade. Em 2017, foi vítima de ataques nas redes sociais após uma fala em uma entrevista em relação à mulheres trans e o reconhecimento de que falar de inclusão é sobre falar de diferenças — “Uma mulher trans, é uma mulher trans” – ataques esses provenientes de antigos alunos de seu Workshop de Escrita Criativa, em Lagos. As acusações foram feitas por pessoas que frequentavam seu ciclo pessoal, conheciam suas reais opiniões e estudos sobre os direitos de pessoas trans. Os ataques ganharam proporções que incitaram seus seguidores a cancelarem a autora, sendo chamada de “criminosa”/“murderer” (ADICHIE, 2017b, sem página).

Como resposta e reflexão, Chimamanda publicou em seu site oficial um artigo intitulado de “É Obsceno: Uma verdadeira reflexão em três partes”, em que faz um desabafo e faz uma crítica à hipocrisia da geração dos jovens: “Nesta era de mídia social, onde uma história viaja pelo mundo em minutos, o silêncio às vezes significa que outras pessoas podem sequestrar sua história e logo, sua versão falsa se torna a história que define você.” (ADICHIE, 2017b, sem página). A autora discorre sobre os acontecimentos com os alunos durante duas partes do artigo e, ao final, expõe suas preocupações:

Há muitas pessoas com experiência em mídia social que estão engasgando com a santidade e sem compaixão, que podem pontificar fluidamente no Twitter sobre bondade, mas são incapazes de realmente demonstrar bondade. [...] E assim temos uma geração de jovens nas redes sociais com tanto medo de ter opiniões erradas que se privaram da oportunidade de pensar, aprender e crescer. Falei com jovens que me dizem que têm pavor de tuitar qualquer coisa, que leem e releem seus tuítes porque temem ser atacados pelos seus. A presunção de boa-fé está morta. O que importa não é a bondade, mas a aparência da bondade. Não somos mais seres humanos. Agora somos anjos lutando para superar os anjos uns dos outros. Deus nos ajude. É obsceno. (ADICHIE, 2017b, sem página).

As narrativas de Chimamanda Ngozi Adichie, ao tratarem do processo de colonização e das consequências na sociedade africana, mais especificamente nigeriana, utilizam-se das teorias e críticas pós-colonialistas e feministas das Relações Internacionais. Estas últimas buscam uma reformulação nos conceitos originários da área, com a

predominância da perspectiva masculina e europeia que tinha/tem como foco o papel do homem como elemento de poder e representação da política.

As teorias que dão base e sustentação ao pensamento crítico da romancista, ou seja, pós-coloniais e decoloniais, vão contra a construção social imposta pelos teóricos clássicos das Relações internacionais, que dão enfoque substancialmente na criação e manutenção da ordem internacional pelas grandes potências. Nesse sentido, Robert Jackson e George Sorensen (2018, p. 336) apresentam os objetivos e perspectivas da teoria feminista na área das Relações Internacionais:

O feminismo também se inspira no pós-colonialismo. Este pretende criticar e desconstruir o eurocentrismo que permeia as RI [Relações Internacionais] porque marginaliza e subordina o mundo em desenvolvimento; já o feminismo deseja envolver-se criticamente com a parcialidade masculina que pauta as RI a fim de desenvolver explicações marcadas pela sensibilidade de gênero que venham a reabilitar e enfatizar a posição das mulheres.

Chimamanda incorpora a ideia de ruptura com a história única, criticando as visões ocidentais convencionais brancas por meio de suas obras e evidenciando o quanto os leitores são vulneráveis diante de uma história, principalmente durante a infância. A autora cita no livro *O perigo de uma história única* como seu processo de criação se iniciou com histórias que divergiam de sua realidade, com personagens brancos e loiros, que brincavam na neve. Em seguida, a mesma menciona a importância de se deparar com livros africanos, de escritores como Chinua Achebe e Camara Leya, que mudaram completamente sua percepção de literatura. Com isso, “É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder.” (ADICHIE, 2018, p. 12).

No mundo político e econômico, é de extrema importância o reconhecimento de como, por quem e quando as histórias são contadas — a propriedade da autoria deve ser levada em questão. Chimamanda inova ao apresentar uma Nigéria moderna, urbana, mas ainda retratando as vivências e brutalidades coloniais e pós-coloniais. Em 2008, defendeu seu mestrado em estudos africanos na universidade de Yale com a dissertação intitulada “O mito da cultura: Delineando a história das mulheres igbo na Nigéria colonial e pré-colonial”, expondo assim as interfaces da mulher africana, além de uma visão humana e feminista da



comunidade (ADICHIE, 2018).

A ascensão internacional de suas obras permite a demonstração de uma África muitas vezes desconhecida, que colabora com a desmistificação da ideia de uma África submissa e paralisada no tempo. A partir disso, as contribuições de Adichie e seus antecessores disseminam a riqueza cultural do continente africano e valorizam os saberes não-hegemônicos oriundos de países periféricos.

Como figura pública, é dotada do poder de influência indireta sobre o comportamento ou interesses de corpos políticos por meios culturais ou ideológicos. Além do mundo literário, a escritora também empenha-se para delimitar e demonstrar que há espaço no cenário internacional para a moda africana. Em uma entrevista à revista *Vogue* (2017), promoveu o projeto *Wear Nigerian* de sua autoria e argumentou que além de se sentir como quem realmente é, ao vestir as cores e modelagens nigerianas, estimula outras pessoas a tomarem decisões de moda mais conscientes.

3. Chimamanda e as questões sociais: conexões com o mundo real e perspectivas internacionais

A partir das informações apresentadas ao longo deste trabalho, é possível traçar um paralelo entre as temáticas sociais nas obras de Chimamanda por meio de um olhar crítico da autora, de forma a envolver o leitor em realidades que possam ser próximas ou distantes deste. Foram escolhidos os livros *Hibisco Roxo* e *No seu pescoço* por possuírem narrativas diferentes, se tratando de um romance direto e o outro uma série de contos.

3.1 Livro *Hibisco Roxo*

A obra *Hibisco Roxo*, romance escrito por Chimamanda Ngozi Adichie em 2003, entrelaça características autobiográficas e fictícias, traçando um panorama da realidade social, política e religiosa nigeriana pós-Guerra da Biafra, na década de 1980. A autora marca uma ruptura na hegemonia de literaturas tradicionalmente eurocentradas. Por meio de uma gama e riqueza de detalhes, a autora retrata as marcas/segregações sociais e religiosas realizadas pela

colonização britânica da década de 1960, a expectativa de posicionamento da mulher e do homem na família e principalmente da ancestralidade. Evidencia não somente a brutalidade territorial, mas também psicológica nos povos africanos durante a colonização. São apresentadas na obra as questões da suposta superioridade civilizacional, sendo esta: 1) por meio da segregação linguística, a partir do uso do inglês; 2) religiosa, com a distinção do tradicionalismo cristão e o paganismo/manifestação dos credos originários.

A narrativa é dividida entre os capítulos “Quebrando Deuses”, “Falando com nossos espíritos”, “Os pedaços de deuses” e “Um silêncio diferente”, remetendo às características da flor do hibisco e dos traços da quaresma³. O enredo perpassa a vida de uma família fortemente compenetrada na sociedade urbana nigeriana, protagonizado e narrado por Kambili, a filha mais nova. A adolescente é apresentada em meio a alterações no cenário econômico-político do país e a forte intolerância e extremismo religioso cristão proferido por seu pai, Eugene.

Eugene, representando a elite negra embranquecida na Nigéria, exprime todas as qualidades de um bom líder para a comunidade - um bom cristão, bem sucedido, com inglês admirável - ao mesmo tempo que também assume o cargo de pai restritivo e opressor dentro de casa. Em contrapartida, as personagens femininas do livro, como a própria Kambili e sua mãe, Beatrice, são apresentadas a partir de seu silenciamento, de sua subalternidade na comunidade e na família, além do apagamento de sua vivência.

A absorção da cultura branca no universo do pai, como ser colonizado, torna o convívio com sua família extremamente violento, a partir de torturas de seus filhos e da total recusa do avô, considerado como pagão por adorar aos deuses africanos. Isso é coincidentemente similar às duas faces dos países colonizadores, em que, por um lado, estes Estados são apreciados pelas suas conquistas em desenvolvimento industrial e econômico, mas, por outro lado, essas conquistas foram atingidas às custas do sofrimento alheio.

No decorrer da narrativa, Chimamanda manifesta uma libertação gradual

³ A quaresma representa o preparo espiritual para a Páscoa, momento em que ocorreu a ressurreição de Jesus Cristo. O final do Carnaval até a Semana Santa marca o período da quaresma, sendo um momento de reflexão para que o exemplo de Cristo ajude os fiéis da Igreja Católica a passar por uma mudança interior. O roxo simboliza o luto da Igreja pelo sofrimento de Cristo, a penitência e contrição (AZEVEDO, sem ano; G1 CARUARU, 2014).



(representada pelas diferentes cores do hibisco) de Kambili por meio do choque enfrentado ao passar uma temporada na casa de sua tia, primos e seu avô paterno, tendo os primeiros contatos com uma realidade completamente diferente da sua e rompendo a obscuridade que lhe é forçada a viver. Ao final do livro, com o assassinato de seu pai por sua mãe, Kambili passa a enxergar o mundo sem barreiras, o que traz à tona o real foco da obra: sua contribuição social como estímulo para a emancipação do colonizador – ou seja, “a libertação do pensamento da dominação ocidental” (JACKSON; SØRENSEN, 2018, p. 331).

Além disso, a autora constrói a obra com base na indagação e enfrentamento da suposta verdade absoluta, da superioridade da cultura política e cultural em diversas passagens, como por exemplo:

Os que estudaram vão embora, aqueles que têm potencial para consertar o que está errado. Eles deixam os fracos para trás. Os tiranos continuam reinando porque os fracos não conseguem resistir. Você não vê que é um círculo vicioso? Quem vai quebrar esse círculo? (ADICHIE, 2016, p. 229).

Quando os missionários chegaram aqui, eles achavam que os nomes do povo igbo não eram bons o suficiente. Insistiam para que as pessoas escolhessem um nome inglês antes de serem batizadas. Nós não devíamos ter progredido? (ADICHIE, 2016, p. 252).

Existem pessoas, escreveu tia Ifeoma certa vez, que acham que nós não conseguimos governar nosso próprio país, pois nas poucas vezes em que tentamos nós falhamos, como se todos os outros que se governam hoje em dia tivessem acertado de primeira. É como dizer a um bebê que está engatinhando, tenta andar e cai de bunda no chão que ele deve permanecer no chão. Como se todos os adultos que passam por ele também não houvessem engatinhado um dia (ADICHIE, 2016, p. 277).

A partir dos trechos citados, é possível observar as cicatrizes do colonialismo presentes contemporaneamente, além da dificuldade na manutenção de uma estabilidade e legitimidade pós-independência do país, aspectos estes evidenciados por meio da complexidade dos personagens e das suas relações. Estes elementos podem ser associados ao conceito de *Estado falido*, utilizado dentro das Relações Internacionais como uma forma de descrever um país que não tem controle do seu território, ou seja, como o próprio nome diz, um Estado em falência. A questão do conceito é a sua base eurocentrada, que utiliza experiências de formações estatais europeias para rotular as experiências dos Estados africanos, os quais ainda estão em processo de conformação social e estatal. Em contrapartida,

os Estados europeus tiveram tempo para fazerem essa conformação.

3.2 Livro *No seu pescoço*

Em *No seu pescoço*, Chimamanda apresenta uma obra recheada de críticas sociais que são conectadas, em alguns casos, com acontecimentos de sua vida pessoal. Em cada conto, Chimamanda acerta em correlacionar personagens fictícios com problemáticas reais, o que cria um mosaico de situações em que o leitor pode se reconhecer e ser empático com as histórias ao longo da obra. Além disso,

Nas doze narrativas que compõem “No seu pescoço”, encontramos a sensibilidade de Chimamanda voltada para a temática da imigração, do preconceito racial, dos conflitos religiosos e das relações familiares. Partindo da perspectiva do indivíduo para atingir o universal, Adichie explora os laços entre homens e mulheres, pais e filhos, África e Estados Unidos (ADICHIE, 2018, p. 23, aspas da autora).

Além das temáticas supracitadas, é possível conectar outras categorias que são abordadas ao longo do livro com a área de Relações Internacionais, como as questões de gênero, nacionalidade, ancestralidade e a própria discussão sobre a história da África. Em especial, é interessante perceber que, assim como foi retratado na seção 1 sobre o resgate da história africana a partir das suas raízes continentais, o último conto, “A historiadora obstinada”, traz justamente o encontro entre uma historiadora e sua própria vivência, entendendo para além dos pressupostos cientificistas europeus e colocando em evidência a propagação de um único lado da história, ou seja, o do colonizador britânico.

Grace largou a mochila, dentro da qual havia um livro escolar com um capítulo intitulado “A pacificação das tribos primitivas do sul da Nigéria”, escrito por um administrador de Worcestershire que vivera no meio deles durante sete anos. Foi Grace quem leu sobre esses selvagens, intrigada com seus costumes curiosos e sem sentido, sem conectá-los consigo mesma até que sua professora, a irmã Maureen, lhe dissera que não podia se referir à chamada-e-resposta que sua avó tinha lhe ensinado como poesia, pois as tribos primitivas não tinham poesia. Foi Grace quem riu alto até a irmã Maureen levá-la para o castigo e depois chamar seu pai, que lhe deu uma bofetada diante dos professores para mostrar a eles quão bem disciplinava os filhos (ADICHIE, 2017a, p. 230-231).



Ainda neste conto, é possível visualizar uma ressignificação da ancestralidade, a partir do momento que a personagem Grace começa a buscar mais sobre suas origens e entender que existe muito mais além do que é contado por um lado da história, ou seja, a história do vencedor (britânico, nesse caso). A relação de paz com o seu passado é estabelecida a partir do momento em que Grace vai no cartório de Lagos e muda seu primeiro nome para, oficialmente, Afamefunu – nome que sua avó lhe chamava.

A conexão entre a figura mais velha (avó) e da neta também é retratada de forma singela no conto, demonstrando o compromisso da oficialmente chamada Afamefunu com a despedida da avó para o mundo ancestral: “Mas, naquele dia, ao se sentar ao lado da cama da avó à luz do crepúsculo, Grace não estava nem contemplando o futuro. Ela simplesmente segurou a mão da avó, com sua palma áspera de tantos anos fazendo cerâmica” (ADICHIE, 2017a, p. 233). Ressignificar a ancestralidade também envolve para Grace contar uma história que deveria ser conhecida por todos, mas que se torna marginalizada pela falácia do discurso do vencedor:

Foi Grace quem, quando recebia prêmios da universidade, quando discursava para plateias solenes em conferências sobre os povos ijaw, ibíbio, igbo e efik do sul da Nigéria, quando escrevia relatórios para organizações internacionais sobre coisas que deviam ser óbvias para qualquer um que tivesse bom senso, mas pelas quais, mesmo assim, ela recebia remunerações generosas, imaginava sua avó observando tudo e rindo, muito divertida (ADICHIE, 2017a, p. 232).

Com um final surpreendente, o livro fecha cumprindo com a perspectiva de que existe um universo a ser conhecido não só pelos(as) africanos(as) e pela diáspora, mas pela população mundial. *No seu pescoço* torna-se uma leitura de fácil acesso a diferentes mundos, perspectivas e personagens, o que aproxima a diáspora africana do território onde há mais respostas do que perguntas em relação a nossa história.

Conclusões

Este artigo pretendeu compreender o pensamento crítico nas obras de Chimamanda Ngozi Adichie e suas contribuições em novas perspectivas internacionais, como escritora e ativista africana, enriquecendo, portanto, o arcabouço teórico da academia de Relações Internacionais e demonstrando novas formas de compreensão da realidade, a partir de literaturas africanas. A análise proposta permitiu concluir a relação direta das duas obras da autora com o conceito de “África pelos africanos para africanos”, de acordo com a intencionalidade da mesma em romper estereótipos a partir da história e potencial africanos criados por terceiros, e na busca pelo reconhecimento do povo africano como agente de sua própria história.

Apesar de terem diferenças no estilo de cada obra, *Hibisco Roxo* e *No seu pescoço* são portais para se conhecer mais sobre a cultura nigeriana e, em aspectos gerais, sobre o continente africano, proporcionando perspectivas que vão além de estereótipos como conflito, pobreza, fome e doenças. Além disso, a contemporaneidade das duas obras conversam com a realidade brasileira, ou seja, de se entender a identidade brasileira a partir da composição também da parte africana.

Trazer essa discussão para o campo das Relações Internacionais enriquece a área no sentido de não apenas dar enfoque a um Norte desenvolvido, mas entender que o Sul geopolítico desenvolve aportes teóricos, tem autonomia para pensar por eles mesmos, o que inclui o continente africano nessa perspectiva do Sul Global. Entendido isso, pode-se partir para análises que possam dar profundidade nas dinâmicas internacionais da política africana.



Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Hibisco Roxo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No Seu pescoço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017a.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **IT IS OBSCENE: A TRUE REFLECTION IN THREE PARTS** - Chimamanda Ngozi Adichie (2017b). Disponível em: https://www.chimamanda.com/news_items/it-is-obscene-a-true-reflection-in-three-parts/. Acesso em: 26 ago. 2022.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Chimamanda Ngozi Adichie** (2021). Disponível em: <https://www.chimamanda.com/welcome/>. Acesso em: 26 ago. 2022.
- AGENCY REPORT. Chimamanda Adichie makes Fortune magazine's list of 50 world leaders. **Premium Times Nigeria**. 2017. Disponível em: <https://www.premiumtimesng.com/news/more-news/227039-chimamanda-adichie-makes-fortune-magazines-list-50-world-leaders.html>. Acesso em: 29 ago. 2022.
- ANDRADE, Camila Santos. **Murakaza Neza Mu Rwanda: As iniciativas de reconstrução pós-guerra civil pelo Estado de Ruanda (2000-2020)**. 2021. 186f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.
- ANI, Marimba. **Marimba Ani - A visão de mundo africana**. 2017. (9m32s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zEpavqcubyo>>. Acesso em: 30 ago. 2022.
- AZEVEDO, Jetro. As Cores na Liturgia. **Claretiano**. Sem ano. Disponível em: <https://claretiano.edu.br/curitiba/blog/mcc/as-cores-na-liturgia> . Acesso em: 31 ago. 2022.
- BBC NEWS. Nigeria's Chimamanda Ngozi Adichie on 100 most-influential list. **BBC**. 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-africa-32342909>. Acesso em: 29 ago. 2022.
- BORGES, Gustavo Silveira; DIALLO, Alfa Oumar. A filosofia africana do ubuntu e os direitos humanos. **INTER: REVISTA DE DIREITO INTERNACIONAL E DIREITOS HUMANOS DA UFRJ** , v. 3, n. 2, 2020.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.
- COMPANHIA DAS LETRAS. **Chimamanda Ngozi Adichie** (2022). Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=02561>>. Acesso em: 29 ago. 2022.
- G1 CARUARU. **Religioso explica o significado da Quaresma para os católicos**. 2014. Caruaru e Região. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2014/03/religioso-explica-o-significado-da-quaresma-para-os-catolicos.html>>. Acesso em: 31 ago. 2022.
- JACKSON, Robert; SØRENSEN, Georg. **Introdução às relações internacionais: Teorias e abordagens**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018.



KI-ZERBO, Joseph. **Para quando África?:** entrevista com René Holenstein. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação** – Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARCELO, Nathália A. **As marcas da colonização na Nigéria no século XX.** Universidade Federal do Tocantins - UFT. Revista África e Africanidades – Ano XI – n. 28, out. 2018.

TV CULTURA. Chimamanda Adichie explica como redes sociais prejudicam seu processo de criatividade. **Tv Cultura.** 2021. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/noticias/26291_chimamanda-adichie-explica-como-redes-sociais-prejudicam-seu-processo-de-criatividade.html. Acesso em: 26 ago. 2022.

UFRGS. **Chimamanda Adichie (1977) - Biografias de Mulheres Africanas.** Biografias de Mulheres Africanas. Sem ano. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/africanas/chimamanda-adichie-1977/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

VOGUE. Chimamanda Ngozi Adichie em campanha pela moda nigeriana. **Revista Vogue.** 2017. Disponível em: <https://vogue.globo.com/marcas-parceiras/noticia/2017/08/chimamanda-ngozi-adichie-em-campanha-pela-moda-nigeriana.ghtml>. Acesso em: 30 ago. 2022.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 31 de agosto de 2022.

Artigo aprovado para publicação em: 28 de novembro de 2022.